

400 rs.

O PIRRALHO

INICIO DE TEMPORADA



Pente Fino prepara o seu balão de ensaio



A FELICIDADE

Sociedade Mutua de Peculios por NASCIMENTOS, CASAMENTOS e MORTALIDADE

Approvada e autorizada a funcionar em toda a Republica pelos decretos Ns. 10.470 e 10.706

PECULIOS PAGOS MAIS DE 350:000\$000

Todos os que se inscreverem até 31 de Dezembro de 1914, nas séries de casamento receberão os peculios *um anno* depois da inscrição.

Depois da inscrição os mutualistas podem casar quando quizerem.

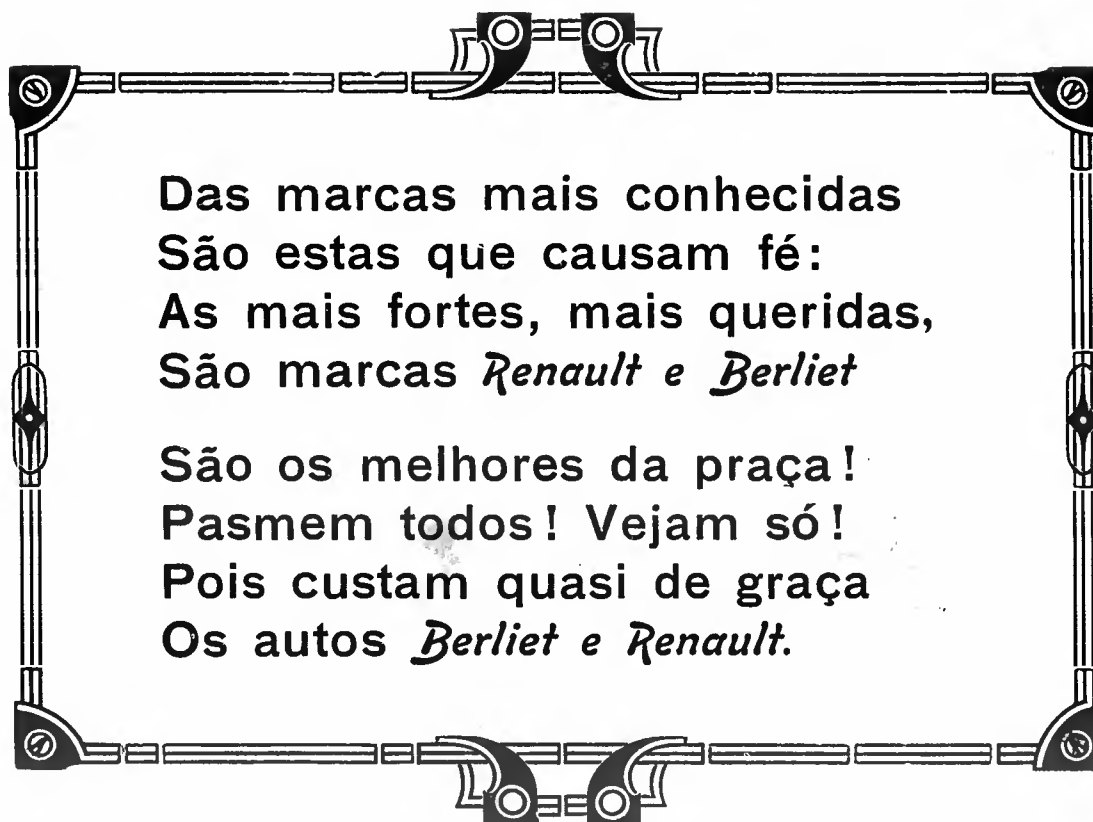
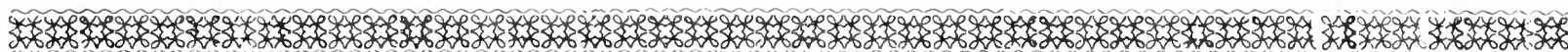
Quem se inscrever nas séries de *nascimento*, até o fim do corrente anno, será chamado *10 mezes* depois da *inscrição* e receberá de *uma só vez* o peculio que lhe couber.

O nascimento pode dar-se em qualquer tempo.

Todo o socio que propuzer outro para a sua série terá a seu credito a importancia de *cinco* contribuições. Depois de completas as séries, por cada oito chamadas feitas, a sociedade dispensará as contribuições dos mutualistas para as *duas* chamadas immediatas.

Séde Social: RUA S. BENTO N. 47 (sob.) - Caixa Postal, U - Telephone, 2588

— SÃO PAULO —



Das marcas mais conhecidas
São estas que causam fé:
As mais fortes, mais queridas,
São marcas *Renault e Berliet*

São os melhores da praça!
Pasmem todos! Vejam só!
Pois custam quasi de graça
Os autos *Berliet e Renault*.

Pedidos: CASA ANTUNES DOS SANTOS - Rua Direita N. 41



Caixa do Correio, 1026

UM BELLO EXEMPLO

O general Dantas Barreto vai-se impondo cada vez mais á admiração e sympathia do seu povo.

Tomou conta do governo de Pernambuco em virtude de uma violencia, de um acto altamente anti-constitucional, como é a intervenção, mas, diga-se a verdade, inaugurou naquello Estado uma era de prosperidade e grandeza, que ninguém esperava da parte de quem tão desastrosamente se apossara da cadeira presidencial.

Mas os factos existem e hoje todos sabem que o governo do general Dantas é o mais sabio e honesto possivel.

Mesmo aquelles que, como nós, eram seus inimigos votam-lhe agora a mais franca sympathia e não podem absolutamente deixar de louvar a sua intelligente e honesta administração.

E justo, portanto, que se cogite de modificar a constituição de Pernambuco, afim de que seja reeleito quem tão boas provas deu de honradez e tino administrativo.

Fala-se, entretanto, que o general trabalha energicamente para que se largue mão dessa iniciativa, e nestes tempos de comedeira e de philautia não pôde passar sem applausos esse nobre gesto de desapego e dedicação.

Que elle sirva de exemplo aos demais homens publicos do Brasil, que, com raras excepções, costumam collocar acima de qualquer principio, os proprios interesses e ambições.

Nota Politica

Não era nosso intuito tão cedo trarmos de lutas politicas, no seio da angusta e snave vida interna do P. R. P. e portanto da Comissão Directora.

Infelizmente, as coisas não nos levam pelo caminho do indifferentismo e do mutismo uma vez que a luta está acêza, os interesses em jogo, as ambições se degladiando, as intrigas em pleno fervilhar.

Já houve até quem nos procurasse, pedindo o nosso apoio para um candidato aliás notavel por muitos titulos e digno de grande consideração.

Até esse ponto já chegou a lucta que está imminente.

Ha na propria Comissão Directora elementos dissidentes nas encolhas e que tramam candidaturas para a proxima successão presidencial no nosso Estado.

Ha até agora, ao que nos consta, quatro candidatos. Um da antiga e forte dessidencia; um do sr. presidente do Estado; outro da comissão Directora e outro do sr. Pinheiro Machado, ou do P. R. C. que será, estamos certos, o illustre sr. cons.^o Antonio Prado.

Para o proximo numero, promettemos mais alguma coisa.

Uma coisa está de pé: haverá lucta e lucta forte e acirrada. Esperemos.

D.

PERCEVAL

Elle, o monge, dizia: "Eu fui glorioso e forte; chamavam-me, no mundo, o Bello Perceval; muito alfange inimigo, embaixador da morte, estalou no broquel pregado ao meu braçal!

Por Brancaflôr venci, sósinho, uma cohorte; zombei do Rei Arthur, matando-lhe o rival; com o brilho do meu nome e a altivez do meu porte, eu conquistei a gloria, um throno e o Santo Graal!

Depois, fiz-me eremita... E, á sombra de uma penha, eu troquei, sem amor, sem fé, sem esperanza, pela armadura de aço, o manto de estamemha!

Porque (ai de mim!) o meu arnez nunca siquer deixou que o traspassasse a ponta de uma lança, nem quiz que o penetrasse o olhar de uma mulher!"

G. DE ANDRADE E ALMEIDA



9
EST. 21110 RD.

Pela Instrucção

O publico desta capital, acaba de assistir com vivo enthusiasmo, ás provas do concurso na Escola Normal, para o preenchimento da vaga do sr. René Barreto, que regia a cadeira do Pedagogia, Psychologia e educação civil na Normal Secundaria desta Capital.

O que foram essas provas sabe-o bem o publico.

Os candidatos se impuzeram á consideração da assistencia pelas bellissimas provas a que se submeteram, salientando-se os srs. drs. Carlos de Moraes Andrade e Sampaio Doria, que revelaram conhecimentos vastissimos da cadeira a que concorriam, mostrando-se, tanto um como outro, na altura de regerem com raro brilho, uma cadeira na nossa Escola Normal. Sobre esses professores, qual dos dois seja o nomeado, não pode pairar a menor suspeita de incompetencia na materia.

As provas do seu preparo, foram publicas; os seus conhecimentos foram revelados brilhantemente num concorrido certamen da intelligencia e assim ficaram sobejamente comprovadas a competencia que ambos têm para com brilho regerem a cadeira que disputaram.

Diante pois de provas assim, cujos resultados tão bons ahí estão, nada mais natural, que todos os professores da nossa Normal se sujeitassem ao concurso, para moralidade do nosso ensino e bom nome da nossa instrucção publica.

Assim infelizmente não aconteceu com a cadeira de Historia, na Escola Normal, vaga com a morte do saudoso prof. Benevides e que foi doada não sabemos porque, ao sr. Djalma Forjaz, moço que traz sobre os seus hombros a triste suspeita de incompetencia absoluta da materia que lecciona.

Aliás esse nosso protesto, é nada diante da enorme grita que fizeram professores e alumnas, imprensa e publico contra essa nomeação que vem ferir o regulamento interno da propria Escola Normal e injustamente preterir gente competente que para a Normal queria entrar, pela porta larga e in-

suspeita das provas publicas do concurso.

Lastimamos que o honrado e criterioso sr. dr. Secretario do Interior não mais possa reconsiderar o seu acto nomeando o sr. Forjaz e esperamos que esse nocivo precedente, não passe desse caso.

Quanto ao sr. Djalma Forjaz, fazemos votos para que estude, estude muito, destrúa a pécha de incompetencia que lhe atiram e faça assim jús, aos nossos applausos futuros.

Só nos móve na publicação desta nota, o desejo que temos de ver sempre inatacavel a nossa Instrucção Publica, para que ella esteja na altura do zelo, do criterio e do talento, do honrado sr. dr. Altino Arantes, em boa hora feito titular da pasta da Instrucção e Interior.

Hospedes illustres



O DR. OSWALDO CRUZ EM COMPANHIA DO DR. GUILHERME ALVARO.

RODRIGO SOARES

A exposição de Rodrigo Soares, aberta no Palacete Prates, tem alcançado real successo.

Portugues de origem, tendo vivido e formado a sua personalidade de artista em Paris, elle não escapa a

essas duas influencias predominantes do seu ser.

Desse modo é lyrico, *chercheur* infatigavel de harmonia e belleza no colorido e ao me-mo tempo, em outros quadros, apresenta solidas qualidades de artista frances.

A tentativa que expõe de arte brasileira — quadro n. 21 — é feliz de composição nos typos. A figura do homem e o caracter dos cavallos têm authenticidade e acuro de estudo. A scena, porém, nacional, caipira, se desenvolve e passa num scenario phantastico que guarda reminiscencias do norte da Europa.

Isso, porém, se justifica até certo ponto. Rodrigo Soares está entre nós ha pouco tempo e é bem sabido como é desastrosa toda tentativa de abordar, sem grande e cuidadosa applicação e prolongados ensaios, a nossa natureza chocante, feita á primeira vista, para o europeu, de contrasensos decorativos, cores bizarras.

Magnificas são algumas das suas marinhas, as de Quimper e Concarneau (Bretanha) n.º 3 e 4, outras de Veneza, 30 e 31, bem como paysagens do Creusa, 20 e 22 e o admiravel mercado de Noirmontier, 17.

WASH RODRIGUES

Conservatorio Dramatico e Musical

DE S. PAULO

Do Conselho Superior desse conceituado estabelecimento recebemos attencioso convite para a festa de abertura das aulas do corrente anno lectivo e, para entrega dos diplomas aos alumnos que este anno ali terminaram o curso. Foi uma encantadora festa de arte, brilhante, concorrida, onde tudo correu admiravelmente, sendo obedecido á risca um primoroso programma, elaborado pelos illustrados e proficientes lentes do velho Instituto de ensino.

Aliás não é surpresa para ninguém o progresso que revelam todos quantos cursam as aulas do nosso conservatorio musical.

A festa do sabbado passado, nos encantou.

CONTO INFANTIL

Para Ninon

Eram filhos de paes diversos mas creados sob o mesmo tecto.

Joãosinho, orphão de pae e mãe fora viver em companhia da tia, bondosa substituta daquella que lhe déra a vida e lhe enchera a infancia de carinho e de amor.

Dolly, assim chamavam a priminha de Joãosinho, pulou de contente coitadinha, quando, todo de luto, carrancudinho, com uns olhinhos muito vivos e brilhantes, vio entrar em casa pela mão da mamãe, o priminho, que em sua companhia ia viver.

Já no outro dia, uma briga tremenda se estabeleceu entre ambos por ciumes de um feio cavallinho de pão, que o pae de Dolly trouxéra para o pobre orphãosinho.

Joãosinho, embezerrado e triste, com os bracinhos apoiados na parede, chorou, chorou muito e á tarde, Dolly, chegando-se desconcertada e timida junta do priminho, sem lhe dizer palavra, offerecendo-lhe um pedaço de doce que a mãe lhe déra, timidamente provocava as pazes. Ella não queria ficar privada de ir á reza com o priminho, no altar que a avósinha tinha armado no seu quarto, e onde, todas as noites, se resava naquelles dias a novena de S. José.

Foi o primeiro arrufo....

Aos domingos, era de se ver com que graça ia o parsinho para a missa, ella, com um lindo vestidinho branco e uma enorme laçada de fita cor de rosa na cintura, elle, com um terninho de casemira clara, calcinhas curtas e um lindo revirão de linho, volteando-lhe o pescocinho.

Á noite, a mãe commum, mettia-os dentro de enormes camisolões e os dois, de mãos postas, ajoelhados sobre os leitos, se persignavam e dormiam.

Os sonhos mais suaves embalavam o dormir daquellas creanças.

Raras noites o Joãosinho accordava aos gritos da priminha que estava ás voltas com um terrível papão que lhe

tomara o brinquedo e a queria trancar num quarto escuro, por ter ella desobedecido a bôa mamãesinha.

E assim viviam, aquellas duas almas em flor, sorrindo para a vida, que de tão ruim e corrompida, não devia, se fôra possível, supportar, a meiguice, a graça e a candura infinitas das almas infantis.

Brincavam de comadre e tomavam café em minúsculas chicaras de um aparelho que o padrinho de Dolly lhe déra e já não havia mais entre elles tantos arrufos por causa dos cavallinhos e das bonecas, pois a mamãe lhes havia dito que era muito feio, dois priminhos «que ainda podiam se casar,» viverem brigando á tôa.

— Se vocês brigarem, dizia a mamãe sacudindo diante dos olhos o seu grande indicador, a assombração péga voces e esconde n'um quarto mais escuro do que a dispensa.

Um dia, estavam os dois na sala de jantar, muito intrigados com um grande quadro de Santo que havia na parede e dizia então Dolly a Joãosinho:

— Olha! Por isso é que mamãe falou que N. Senhor vê a gente em todo lugar. Aquelle N. Senhor (apontando para o quadro) quando a gente fica lá no cantinho da parede, ainda está olhando p'ra gente!!

Joãosinho muito assustado e solícito correu e foi contar a historia á mamãe, cheio de panico vendo confirmada uma sentença materna.

Desde esse dia começou elle a matutar sobre o que a mamãe lhe havia dito um dia, a proposito do casamento delle e Dolly. Não lhe sabia mais da mente a phrase da mamãesinha: «Voces ainda podem se casar um dia».

Começou então Joãosinho a querer cada vez mais a sua companheirinha, a amal-a muito, muito, pois o papae lhe tinha dito que casar, era a gente querer, muito bem, muito, um ao outro.

Mas... antes que se marcasse o dia do casamento, Joãosinho adoeceu. Uma ligeira indisposição ao começo, depois febre, tristeza, constipação, complicações intestinaes, depois cama, um, dois, trez, quatro dias e, nunca mais levantou o pobresinho. Morreu. Foi

enterrado com a roupinha que era para o casamento infantil. Dolly chorou tanto, tanto, que não havia nada que a consolasse. A casa, d'antes tão alegre era-lhe agora um immenso vacuo. No outro dia, lá foi ella ao cemitério, levando uma braçada de flores e chorando muito e batendo o pésinho dizia que dalli não queria mais sair, queria morer tambem para ir para junto do seu Joãosinho.

E a coitadinha, aos sete annos ficou viuva, sentindo falta de um pedacinho da sua alma, chorando a ausencia daquelle raio de sol da sua vida, que sete palmos de terra haviam enterrado....

Quem pôde medir a dôr, dessa alma pequenina?

Bemdicta seja a escola do soffrimento, que n'uma almasinha em flor, que sorri e que canta, põe a realidade dura e cruel da morte! Bemdicta!

Março - 27 - 915.

MARCUS PRISCUS

Hospedes illustres



O MINISTRO SOUZA DANTAS, EM VISITAS, EM COMPANHIA DO DR. LUIZ SILVEIRA.

Gonçalves & Guimarães
São do fumo os campeões,
Pois fazem cigarros Olga
Garibaldi e Castellões



AS CARTAS D'ABAX'O O PIQUES

Os ingaçadore di dote



Di molto tempo già ehe io andavo quireno aparlá sopra di una certa crassia da sucietá, que si xame o «ingaçadore di dote.»

Os ingaçadore di dote só uns

eamerata molto bunitigno che vive aparado inzima du larghe du Rusario, tutto bê vestidigno e c'oa gara xiigna di porcheria di garmino i grêmo du Simó, aeuntâno chi tê una fazenda in Riberó Preto, ventisquattro milla arquere di terra nu Paranapanemo ecc. ecc., ma che si a genti tira dignêro do o borso perto dellis, illos pedi duzentó aprestado p'ro bondi.

Vive nas porta dus eiuema *xique*, na porta du «Mappigno» nus dic di xá inlegante, ma non entra perché non tê dignêro.

Intó di repentimo apparece na zona una piquena feia p'ra burro, maise feia ainda du Brotéro, ma ehe in gompensaçó tê dignêro piore du giangote.

Aóra o gaçadore di dote piga o bondi, vae p'ra casa i já scrive una brutta garta p'ra piquena, maise o meno dista maniera:

«Madama.

«Fui onti ehe io vi a signora per «la primiera veze i já fiquê stupidamenti paxonado p'ra signóra. A «signóra é una beleza gapaze di pirdê «a gabeza di Z nto Antonio chi é «zanto, quanto mase di un mortale «e me io! O migno goraçó sta infra- «mado ehi né um fogarero.

«A sua gentilia imagia mi stá tra- «vessada inzima da a garganta, i os «suos óglio mi stó spiâno mesimo in- «zima do goraçó!

«Nê tegno spressós insufficiente p'ra «adiscrevê o tamagno dista paxó, ma «posso agaranti chi os amore do Ro- «meu c'oa Giulietta i do Danti e'oa

«Beatrice, perto do meu, non servia «né p'ra mi lava os pé.

«Pur istus amutive io peço p'ra «signóra licença p'ra apidi a sua mó «p'ro suo simpattico papá.

«Desdi já aviso a signóra che si «a signóra non quizé caza cu migo, «io si atiro du viadutto novo p'ra «baxo i insgugliambo e'oa gabeza i «dispoza di morto ê di vim puxa a «sua perna di notte, ma non credito «chi a signóra quera a morti di chi «gli adóra stupidamenti.

MANÉCO

Intó aóra di duas una: o a minina dizi di si o a minina dizi di nó.

Si illo gaza i pèga o dotti da piquena, paga o aggiotta, briga e'oa sôgara i vai gozà a vitta na Orôpa.

Qui in Zan Baolo stá xiigno dos gaçadore di dote.

Io conhêço unas purçó ma non conto di medo di pigná umas sovigna.

Inveiz tê un che io vó acuntá.

Istu fui un tale camerata xamado Baseualino che un dia mi scuitô io aparlá nu migno saló chi quano io assassinê a Juóquina migna molhére, illa dixô un testamente con centocinquanta milla reis p'ra Cuncetta migna figlia.

Nu ôtro die o indigraziato do Baseualino mi vignó con parti di besta apidi a mó da Cuncetta. Assi che io apircibi che illo queriva ma era o dotti da Cuncetta, io dê ma fui una brutta sóva di páu inzima delli.

JUÓ BANANÉRE.

N.º 1212	—	65	»
» 1358	—	65	»
» 915	—	60	»
» 579	—	59	»
» 737	—	58	»
» 1305	—	52	»
» 1405	—	50	»
» 487	—	50	»
» 57	—	50	»
» 88	—	50	»
» 1009	—	47	»
» 1370	—	46	»
» 781	—	46	»
» 954	—	41	»
» 500	—	43	»
» 133	—	42	»
» 798	—	35	»
» 401	—	35	»
» 400	—	31	»
» 447	—	31	»
» 953	—	33	»
» 940	—	30	»
» 32	—	28	»
» 1510	—	28	»
» 2	—	23	»
» 509	—	21	»
» 992	—	20	»
» 1515	—	20	»
» 1083	—	17	»
» 29	—	15	»
» 349	—	15	»
» 895	—	15	»
» 788	—	15	»
» 5	—	14	»
» 521	—	14	»
» 1029	—	14	»
» 440	—	14	»
» 1020	—	14	»
» 1-8	—	14	»
» 1472	—	14	»
» 1012	—	13	»
» 222	—	12	»
» 1353	—	12	»
» 144	—	12	»
» 1452	—	12	»
» 508	—	12	»
» 608	—	12	»
» 810	—	12	»
» 514	—	11	»
» 910	—	10	»
» 371	—	5	»

Deixamos de apurar os automoveis que têm menos do que 5 votos.

O NOSSO CONCURSO

Em p'eno successo vae o concurso que abrimos para saber qual o automovel mais apreciado no corso da Avenida.

A apuração de hoje dá o seguinte resultado:

N.º 979	—	80	votos
» 711	—	77	»
» 3	—	71	»
» 667	—	68	»

CONCURSO DO PIRRALHO

Qual é o automovel mais chic que faz o corso na Avenida?

No



“PIRRALHO” SOCIAL



Alleluia!
Alleluia!
Para as almas verdadeiramente christãs — alleluia! — é um grito de glória.

É o só, glorioso e triunphante,

que, rasgando as nuvens de um céu de purissimo azul, surge com a sua cabelleira de fogo, illuminando a face da terra, cantando a « missa da luz no altar da Natureza ».

O luto passou, a dor e as lagrimas cessaram.

O doloroso soffrer de Christo-Jesus, cessa com a alegria triumphante; e volta de novo ás almas a alegria sã, e aos corações o jubilo regressa porque — alleluia! — espanca as trevas da máguia e um benfazejo raio de luz, consolo supremo, dos que soffrem, irrompe na alma daquelles que da Religião fazem a almenara que os guia, no peregrinar doloroso pela esphera da vida.

Alleluia! Alleluia!

São em todas as almas o mesmo canto e « em cada coração ha um grito igual ».

Sursum corda! E quando amanhã Christo subir ao céu por uma escada de nuvens, que subam com Elle os corações dos crentes.



M.^{LE} MARIA DE LOURDES MAGALHÃES CASTRO

Mlle não conhece então as « Contradições » do bello poeta paratiense Paulino de Brito? Pois é de admirar que mlle não conheça essa joia preciosa, da lava do meigo cantor do Rio Negro. Pois leia, mlle; leia e procure nestes lindos versos um ponto de contacto, embora muito vago, entre a historia amorosa da pallida Thereza e o romance do seu proprio coração.

O baile que, em beneficio da Maternidade se realiza hoje, no Germania vai ser, por sem duvida uma nota verdadeiramente chic.

Os srs. Cassio Prado, Queiroz Lacerda e Paulo Jordão, promotores da festa, esmeraram-se bastante por imprimir um cunho brilhante ao baile do Germania. E os esforços emprehendidos nesse sentido não serão improficuos, porque daqui ha pouco o Germania será abrilhantado com a presença de toda a Paulicéa chic.

Rua 15. Sabbado, á tarde. — Estamos, á porta da casa Mappin. Mlle, elegantissima como sempre, apeia do seu *l'andaulet* e passa por perto de nós, rescendendo a *Tango*. Olhamos despreocupadamente para o seu lado.

SCENARIOS E SILHUETAS

SUICIDAS

Quando percorro as estatisticas do suicidio que crescem, que se avolumam assombrosamente no mundo inteiro, tenho a extranha visão de todos esses pobres transfugas, ás centenas, aos milhares, passando, num bando tragico e phantastico e mergulhando na sombra da sua desgraça.

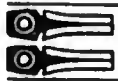
Eu os vejo irem, os téticos suicidas, levando na retina parada e vitrea a ultima impressão da vida.

Elles ahi vão, irmanados pela mesma aspiração, propulsionados pela mesma força, solidarios na mesma esperança; são donzellas côr de cêra, de olhos grandes e pisados, bebedas dos romantismos

mortaes do coração; são velhos, gastos no atrito das desillusões, uscuiros no malogro dos ideaes, tremulos de superstição, diante das realidades palpadas; são mulheres exgottadas no peccado, levando na alma o residuo amargo de todas as volupias; são rapazes guapos e vigorosos, em plena vitalidade do sangue e do espirito, tacteando, na illusoria expectativa do nada, o repouso e a paz para a immensidade insensata de um desejo irrealizado; são homens que não têm trabalho, mães desgraçadas, meninas, que perderam a honra, milionarios abatidos; é gente sem pão, é gente sem amor... Elles ahi vão, passam por nós, confundidos, misturados, nesse desfilar macabro dos vencidos...

Triste espectáculo, que se repete incessantemente, que augmenta de personagens, que se requinta de extravagancias bizarras!...

E que é que os impelle a todos elles, quizes as causas de todos os suicidios?



E os nossos olhares se encontram com o de mlle. Cumprimenta-nos.

Mlle, amavel como sempre, nos cumprimenta sorrindo.

E o meu amigo que estava ao lado, diz baixinho

« Vous avez un regard singulier et charmant... »

Qual não foi o nosso espanto quando mlle, em tom ironico, e sempre com o mesmo sorriso nos labios, termina o pensamento do poeta, que antes fallara pela bocca do meu amigo :

« ... Ils sont si transparents qu' ils laissent voir votre âme »

« Comme une fleur céleste au calice idéal
Que l'on apercevrait à travers un cristal.



Hospedes illustres



O MINISTRO SOUZA DANTAS NO PALACIO DOS CAMPOS ELYSEOS



O MINISTRO SOUZA DANTAS E A FAMILIA DO CONS. RODRIGUES ALVES POSANDO PARA O *Pirralho* NO PALACIO DOS CAMPOS ELYSEOS

Mlle irá hoje ao baile do Germania? Por certo que sim. E é necessario mesmo que assim seja, pois que mr. anseia por cantar alleluia, á vespera da resurreição do seu amor.

Não falte, pois, mlle. E lembre-se bem de que o baile é de caridade. Que ella a conduza ao Germania e que permaneça no seu coração bondoso, até a *resurreição*....



Não é exacto, mlle, o que lhe foram contar.

Mr., o dr. E. C., é nosso intimo amigo. Amigos que somos, era natural que me contasse os seus segredos. Os corações dos amigos se abrem um para o outro.

Entretanto nada o dr. E. C. me revelou a esse respeito, antes de lhe eu mostrar a sua cartinha. E quando lh'a mostrei, mr., com aquelle sorriso que tanto caracteriza a sua nobreza d'alma e o despreso que tem

Simplificando, materializando tudo nos actos, que marcam a existencia dos desenlaces tragicos, os commentadores da estatistica dividem essas causas, encaixando as, classificadamente, sob o rotulo quantitativo de cifras diversas.

Conduzidos por pequeninos indicios insignificantes; pelo bilhete escripto a lapis, amarrotado no fundo de uma algibeira; pela carta longa, garatujada com letra nervosa, sobre quatro folhas grandes de papel, debaixo da pompa impressionante de um monogramma em re'vo; pela narrativa do intimo, que ouviu a confidencia derradeira, elles organisam, dentro da exactidão do numero, a classificação das causas, concretizando-as na indicação fortuita, fornecida pelo proprio suicida ou suggerida pela simplicidade de uma informação irresponsavel.

Como se enganam, querendo com um simples relancear d'olhos, divisar os reconditos segredos dos animos, que succumbem. O que encontram, o que enúmeram, o que apontam, como elementos causas profundas, são, o mais das vezes, pretextos apenas, motivos proximos, que podiam variar, e, produzindo o mesmo effeito, ser outros, ter outra natureza, revestir-se de outro caracter nos mesmos individuos.

A causa dos suicidios é mais visceral, mais abstracta, mais intimamente ligada ás qualidades do sér.

Guy de Maupassant, o maior *conteur* e o mais acabado e perfeito dos romancistas naturalistas de França, o torturado Maupassant, que morreu louco, depois de ter passado pela sensação do suicidio, comprehendeu como n'nguem e magistralmente e com rara lucidez, dentro da esteril philosophia, que lhe ensinaram mestre Flaubert e as tendencias do tempo, fez a diagnose d'esse morbus perigoso, que conduz ao desejo e á coragem da morte.

Nesse magnifico fragmento, que, sob o titulo *Suicides* vem inserto no volume *Soeurs Rondoli*, em *Une promenade* do volume *Yvette* e em outras menos caracteristicas passagens, bem se evidencia como, sem grandes penas, sem dôres e desesperos prementes, pode, em existencias calmas e aparentemente fel'zes, germinar a idéa do suicidio. A mesmice da vida, a repetição das mesmas pequeninas tristezas e das mesmas alegrias, a imutavel physionomia dos acontecimentos, a monotonia i. revogavel dos actos mil vezes excentados, das palavras mil vezes pronnciadas, dos gestos mil vezes feitos, tudo isso gera essas horas terriveis de tédio, em

NO CLUB DE REGATAS «SÃO PAULO»



MEMBROS DA DIRECTORIA E MAIS PESSOAS

pelas cousas mesquinhas, disse-me:

— Não, meu caro, não sou noivo. São phantasias creadas pela imaginação de quem quer que seja...

Positivamente isto, mlle nada mais.



Noivos

Na diaria emoção da vida, como ha phantasias mortas, ha tambem recrudescimentos ardentes.

São os instantes em que os destinos se procuram, se decidem e se entrelaçam como

guirlandas festivas; em que as ereangas de hontem, hoje flores desabrochadas, se agitam d'um fremito delicioso e desprendem um suave perfume, amam, e amam seriamente, para se unirem.

O noivado é o pedaço mais feliz da vida — todos o dizem — porque é o que reúne a maior somma de esperança, a melhor visão da realidade e tem a temperal-o a emoção perturbadora da responsabilidade presentida.

Se isso o torna um tanto grave, faz tambem com que mais seriamente, mais inten-

samente, mais verdadeiramente se vivam os longos olhares trocados nos cantos de salão, os sorrisos illuminados, os apertos de mão e os instantes de sublime silencio.

São Paulo tem agora na sua sociedade, uma linda *corbeille* de noivas — Mlle. Marina de Souza Queiroz, Iria da Motta e Silva, Maria do Carmo de Souza Queiros Platt, Julia de Carvalho e Luizita da Gama Cerqueira.

São respectivamente seus promettidos os distinctissimos cavalheiros Manoel Olympio de Albuquerque Lins, Antonio de Araujo Novaes Junior, Cassio Macedo Soares, Antonio Leme da Fonseca e Waldomiro de Carvalho.

Pirralhos hontem, hoje representantes duma mocidade garbosa e fina que faz orgulho á nossa terra, cil os que passam abstractos, perdidos no cen da felicidade, de mãos juntas, pelo conforto dos interiores luxuosos, na luz maravilhosa dos terraços á tarde, na alegria campesina e franca das estações d'agua.

Ao vel os assim *O Pirralho* celibatario e velho os emprimenta com inveja.



Mlle. dos Champs-Elisés

Tarde, muito tarde chegou-me ás mãos a sua cartinha. Profundamente lamento que mlle. tivesse tido aquella sinistra ideia.

Pezames antecipados.

Agua de, no proximo numero uma grande novidade.



A graciosa figurinha de Mlle Maria de Lourdes Magalhães Castro, figura hoje na nossa revista, enchendo-a de brilho e de eneanito.

que, o passado renasce, o futuro se adivinha e o enfado, o aborrecimento de tudo, triumpham finalmente, de uma maneira absoluta. E é sobre esses, que paira a palavra mystério.

Uma tarde, o dia vae cahir, elle chegou á casa, nervoso, sem a, etite, tinha fumado demais; senta-se diante de uma janella, está só. As côres baralhadas do céu apagam-se, fazem-se uniformes, num pardo sujo; os ultimos raios pallidos do sol são absorvidos pela esponja de uma nuvem; lá ao longe, uns casarões cobertos de ardosa, vivendas opulentas, entre pinheiros germanicos reeortados e esguios, projectam as primeiras luzes para fóra, illuminando uma nesga de chão, na noite, que se fécha. A alma se lhe confrange e uma pagina voltada, uma pagina esquecida da existencia, escripta com as letras d'oiro de um arrebatamento affectivo e venturoso apparece-lhe aos olhos, través as escuridades de um anoitecer tristonho e um mundo de coisas se lhe succedem na imaginativa excitada, e anceios violentos o comprimem, de repente, entre as palpitações de um coração inquieto e um céu manchado de negro; elle sente a necessidade do somno, da ealma, do esquecimento, da inconsciencia e d'ahi a pouco, na quietude da tréva, onde ladram eães, ouve-se um tiro...

Ella é ainda moça e na sala animada e quente do alcovee, a

alegria desordenada, dos hallucinados do prazer, estroleja entre uns sons de orchestra prostituida; pelo meio dos pares, que se agitam na dança sensual, machucada de fadiga, sahe a requebrar os quadris, a bambolear o torso, a mover a cabeça, em giros doidos; tem na mão uma taça e, nos meneios do corpo flexuoso, atira, pelo soalho, as gotas d'ambar do *champagne*. Mas, lá dentro está o espinho, e'la matou o riso derradeiro na gargalhada da orgia, e tarde, madrugada, no silencio do quarto, carréga um pouco mais na dose habitual de cocaina e no dia seguinte, encontram-na, sobre o leito fôfo, lirta e fria, tendo, na pallidez do rosto, a ultima contracção do desespero intimo.

E é assim que elles morrem.

O mundo os chama loucos; e elles, pobres calumniados, não o são.

O que lhes falta são os principios; elles têm o vaeuo philosophico no espirito e o vacuo religioso no coração; para elles a vida terminará amanhã, todas as suas aspirações se encerram no circulo estreito dos gosos terrenos, e o seu raio visual é curto, as visões da phantasia tem um limite proximo e triste e é porisso que, matando-se, eu os acho e elles são, de facto, assombrosa, terrivel, medonhamente, tragicamente logicos.



Hospedes illustres



O MINISTRO SOUZA DANTAS EM COMPANHIA DO CONS. RODRIGUES ALVES.



Mlle., lendo ha dias um semanario illustrado, de capa roxa ou lilas, teve um assomo de indignação.

Mlle. ia num bonde 36, em caminho da Avenida Angelica.

— Vê tu, X..., esta gente não tem mais que fazer: sou eu, não ha que vêr, sou eu mesma...

— Mas, o que tem isso, G.?

— Achas que devo sorrir, não é? Pois esses moços das chronicas elegantes nesse instante eu tremi: vinha carga... só cuidam da vida do proximo, e em tudo repuram...

— Acaso buliram contigo?

— Si buliram! Sabes, aquella poesia — *Le vase brisé* — de Sully Prondhomme, que recito com tanta graça, com tanto sentimento e sem affectação? Acharam assumpto para tratar delle, com respeito a mim...



E quem m'o contêsta? Para o materialista puro, o suicidio é uma solução. Não fossem o instinto de conservação e a atmosphéra christan, que domina nas sociedades, e quem, não tendo, não cultivando os principios salvadores, deixaria de matar-se?

Num meio social, inteira, completa, absolutamente materialista, sem a minima noção da vida futura, o suicidio é um direito, é uma porta, é uma sabida legitima; «é a esperança d'aquelles que não creêm mais, a sublime coragem dos vencidos.» Si tal sociedade fosse possível, o idéal seria a *endormeuse* imaginada pelo auctor de *Mont-Oriol*.

E são elles os materialistas e não os espiritualistas incoherentes, os que mais concorrem para a progressão assustadora das estatísticas; são elles, os logicos, os consciente ou inconscientemente logicos, os que engrossam a fileira sombria, os que augmentam a tragica phalange.



Loucos... loucos não são essas lamentaveis victimas de um erro, que mata; loucos são os que, proscrevendo as compensações do

— Não te incomodes: elles são assim mesmo...

Com o *consolo*, mlle. serenou. Saltámos. Mlle. continuou caminho.

Ah! si mlle. soubesse que qualquer dia embirram tambem com o:

«Deixa me, deixa me ponte...»



Mlle. está agora residindo na bella Rio de Janeiro, para onde foi ha pouco.

Mr. tambem lá esteve, e voltou desanimado. Não foi possível encontral-a em parte alguma.

Para não haver ambiguidades, é bom que

dê aqui as silluetas dos personagens.

Ella, gorda, morena, grandes olhos...

Elle, tambem gordo (embora não goste de o ser) corado, estudante do 4.^o anno da Universidade, *smartismo* impecavel (veste-se no Ferrari...)



O corso da Avenida é ainda e sempre o melhor ponto de reunião do nosso elemento *electro-positivo*.

Consta que amanhã haverá alli grande batalha de flôres.

Será possível?

RU Y BLAS

NO CLUB DE REGATAS «SÃO PAULO»



PESSOAS QUE ASSISTIRAM À FESTA DE DOMINGO

Além, arrancam a resignação da esperança e as consolações supremas da fé do coração atribulado do homem; são os que redicularizando as religiões e arremettendo, com ias destruidoras contra os principios de conservação individual e social, exercem o apostolado negro do desespero.

Que as almas vazias, que se encaminham tontas da terrivel fascinação para a solução do suicidio, procurem recolher, num esforço ultimo, da belleza das coisas, que falam de Deus, os raios bemditos da luz que trasfigura.

Saibam ellas comprehender que o soffrimento dignifica e evocando todos os martyriologios da historia, vejam claro, como da propria essencia da humanidade, da origem de seus grandes feitos e da genese de suas grandes obras, resalta confortadora e convincente, a necessidade e a fecundidade da dor — d'essa dôr, que aperfeiçoa, nos dominios da arte, as ficções do espirito e é, na vida, o elemento, que apura as energias e regenera as almas.

PEDRO RODRIGUES DE ALMEIDA.



Pirralho "Carteiro"

Z N

Mr. Le Docteur Pierre Loti: Não pode ser isso. De outra forma é possível. Demais, Mr conhece bem o geniosinho terrível que tem aquella Mlle. por isso, aguenta no balango. Obrigados, pela confiança.

Mlle Beatriz: Póde ser que sim, pode ser que não.

O eorção da mulher é o maior enigma que Dens poz no mundo. Efmim, pode ser que sim, pode ser que não.

Mr. Le Docteur Mello Nogueira: Então ensinou aquella Mlle a tirar photograph a? Na arte photographica, é indispensavel a camara escura... Por tanto, muito cuidado!...

Mr. Gomes Cardim: Achamos que o nosso bom amigo só tem um recurso: bater-se em duelo com o Dr. Mello Nogueira. É a unica solução para o seu caso. Ainda terça-feira, elle esteve em nossa redacção onde fallou muito mal do bom amigo. Appareça. Sempre amigos.

Mlle Zélia: Póde mandar a sua carta para o nosso graphologo. Será attendida.

Mlle Pulchra: Tambem.

Mlle Zeferina: Sim.

Mlle Brígida: Vae bem? Outro dia então, vio-me em flagrante recebendo de conhecido poeta, na rua direita, uma intrigasinha, escripta sobre a pasta do advogado que elle trazia!?

Felieidades.

Mlle Gaby: Não vae mais para a fazenda? As eorrentes que prendem os eorações, são mais fortes do que mlle suppõe. É só. Venturas mil.

Mlle Ninon: Bom dia. Disponho daquelle meu amigo, porque posso. Si dei-o á minha boa amiguinha, é porque podia. Elle de facto é propriedade minha, dados os indissolueis laços de amizade mutua que me prendem a elle. Sei que elle está pelos autos. Pudéra não!...

Não o dei a Dolly, porque... eu mesmo não sei. Mystério... Gostou do conto *Natal a bordo*? E le escreverá outro. O appellido dado ao barbindinho é muito bom.

Elle vae jogar fóra as betinas deselegantes.

Respeito muito os seus severos principios de lealdade que a impedem de servir da lanterna. Aceito o seu criterioso conselho e estou prompto a obedecel-a. Não insistirei, mesmo porque não quero ver vóar a borboleta que eu mais quero.

Que ella é caprichosa eu já havia adivinhado. Respeito e me submetto prazeiramente a todos os seus caprichosinhos.



O capricho é muito dos temperamentos femininos. As heroínas não desaparecem do meu espirito sem deixar vestígios...

É um engano délla. Desappareceia sim, mais deixam vestígios dolorosissimos e as suas memorias ficam.. ficam... até o apparecimento de uma nova tentadora creatura, intelligente e boasinha como.... não digo porque tenho medo. Não quero perder a minha borboleta!

O conto promettido, sae hoje. Escrevi-o *corrente calamo* só para lhe ser agradável. É um genero literario que não cultivo, mas.. mlle pedio!... Jacintho Góes não perdeu a lyra.

Agora uma noticia sensacional: Cornelio Procopio e Pedro Rodrigues de Almeida, o primeiro, auctor dos nossos mimosos sueltos, o segundo o soberbo *conteur* do *Natal no mar*, querem fazer um romance... literario com a Ninon, pelo «Pirralho». Qual dos dois será o escolhido? Responda logo e, seja franca. Se não quizer romance nenhum diga, se achar que basta o nosso, diga tambem. Comtudo, tema o duelo entre elles. Bem, basta, por hoje. *An rerair.*

Dolly: «Não, não é possível», foi essa a sua cruel sentença. Guardei-a e cumpril-a-ei. Não costumo encarar em si as sentenças, analysando o que de ruim ellas tragam em seu bojo. Encaro apenas a procedencia del-as. A sua provem de si e... só isso basta para que eu a cumpra religiosamente.

Ainda mais, trazendo-me ella na sua rudeza negativa, uma leve sombra de esperança.

«Mais tarde, em outras cirenstancias... se o acaso quizer que nos encontremos talvez eu me faça conhecer...»

Nunca amei e desejei tanto o acaso como agora e disso Mlle. não me pode culpar, pois é bascado na sua ligeira phrase de esperança, que eu o amo e quero. Agradeço-lhe muito a explicação que me deu sobre Alexis.

Creio nella, piamente. Serei ingenuo? Paciência...

O primeiro conto, dedicado á sua amiguinha, sae hoje. Leia-o com indulgencia, pois absolutamente não cultivo esse genero literario. Cumpró os pedidos sejam el'as os mais absurdos, uma vez que partam de pessoas que eu estimo.

Por isso, obedeci Ninon e a minha boa amiga. Não escrevo sobre Fradique, porque nós, os da casa, achamos que não devemos responder á enquete, para que não nos julgнем cabotinos. Conheço muito aquelle soneto a que Mlle. se refere. Elle so acha no livro daquelle fino humorista. Por isso é que não o publico. Só publicamos, em materia de poesia, coisas inéditas. Lastimo muito o seu gosto por aquelles versos.

Far-me-hei o mais estudioso das coisas geometricas, para ver se aquellas *linhas* se poderaão, um dia, encontrar.

«A vida inteira?» Duvida disso? Os laços que nos prendem alguém adquiridos pelo coração são duradouros, mas... muito mais aquelles que adquirimos pelo coração e pelo espirito. Quando se quebram os laços do coração, muita vez, desses nem lembrança nos fica na memoria, depois de algum tempo; os do espirito se eternisam e a sua memoria bronzea nos acompanha a vida inteira, lembrando-nos uma quadra feliz, um doce idyllo espirital, uma feliz convivencia, um terno sonho acordado. O amor espirital é ideal, phantástico, incorporeo, por isso mesmo de mais recordações, por isso mesmo de memoria eterna.

O amor coração é corporeo, é real, é tangível e por isso mesmo mais susceptível de ser gasto, de memoria mais fugaz, aóz o cansaço. Por isso tudo, tem razão a minha amiga em citar Vieira, fallando em eorações de cera. O meu, comtudo, está fora da regra, por que é... de bronze. Depois Mlle. diz que não está em momento de successo!

Quer mais successo do que esse? A certa correção é na linha, no tolo, como dizem os francezes; a graphologia, não cogita da grammatica. Bem, é só. Desculpe-me e adeus. Sempre seu,

AZAMBUJA... Administrador.

VADE RETRO

Somos noivos ha dez ou doze annos,
Já nem me lembro mais, minha querida;
E até hoje só duros desenganos,
Crueis desillusões, vimos na vida.

Dores, padecimentos deshumanos,
A esperança de todo já perdida;
Ruíram os castellos, os mil planos,
E ficamos num becco sem saída...

Agora eu acredito firmemente
Nesse extranho poder, enorme, ingente
Cuja ira ninguem domina ou aplaca.

Elle existe, bem sei, dentro de ti,
Porisso vae-te embora, sae daqui,
Com a tua formidanda urucubaca...

JACINTHO GÓES.

Adoro a tua boquinha,
Amo o teu cabello jalde,
Mas gosto mais, meu amor
Dos cigarros *Garibaldi*

Palcos & Fitas

Agita-se na imprensa carioca a velha questão do Theatro Nacional. Foi preciso que da

Argentina nos viesse o acoçoamento pela formação de uma companhia platina com artistas e peças platinas. Mais momentosa se tornou a resolução do problema com a annunciada visita dessa companhia, trazendo no repertorio peças de autores brasileiros. Às pressas, como quem vai receber uma visita imprevista, e põe-se a arranjar os moveis e lavar as vidraças — cogitamos de nos prevenir para apresentar aos visitantes uma organização theatral ou alguma coisa que com isso se pareça.

Animadoras são as declarações do sr. prefeito do Districto Federal. S. Ex. estuda a questão, consulta os entendidos "para... errar menos." A principio o sr. Rivadavia declarou que não tinha ainda pensado no assumpto e que ignorava mesmo que no Brasil houvesse... artistas. Perdamos a S. Ex. (pelo muito que vai fazer pelo theatro patrio) essa ignorancia ou melhor essa falta de memoria. Faça o sr. Rivadavia um exame retrospectivo, lembre-se do tempo em que era *gibirú* e verá no espelho de sua mente a figura de uma artista, uma reminiscencia de passadas glórias. Demais o sr. prefeito, trabalhando pelo theatro, poderá continuar a ser *gibirú*, é um sport perfeitamente natural e num *prefeito* até é chic e moderno.

Trabalhe o sr. prefeito pelo theatro, mas adopte uma medida de caracter permanente. Funde a escola dramatica, aproveite as luzes e a experiencia dos entendidos, que felizmente S. Ex. tem á mão.

S. Paulo — como — a capital artistica — como — a cidade Luz do Brazil — na phrase do ministro Souza Dantas — S. Paulo ficará inerte, na



sombra, perante esse movimento auspicioso e feliz?

S. Paulo — que já tem um Conservatorio *Dramatico* e Musical, que tem sido muito musical mas muito pouco ou nada *dramatico*, — não se moverá?

Está, senhores, na berlinda o "Conservatorio." Queremos saber o que ha lá de *dramatico*. O que se tem feito da *arte de Talma*. O Theatro Municipal está fechado e uma sua dependencia continúa a ser o que todos conhecem. Não seria boa e viavel a idéa de tomarem alguns *aprovados* do Conservatorio, uma mimosa peça de Coelho Netto e occupar-se assim o nosso magestoso Elephante Branco?

Si esta não serve, apresente-se outra. S. Paulo precisa mover-se.

Ha um projecto sobre — autores e peças — do sr. Alcantara Machado, dormindo ha annos na pasta de uma commissão na Camara Municipal. Desenterre se-o. S. Paulo absolutamente não póde ficar de braços cruzados perante o problema.

Porque... S. Paulo é — a capital artistica, — a cidade Luz do Brazil. —

Apollo.

Continuam a atrair grande concorrencia os espectaculos realizados no theatro da rua D. José de Barros, sob a proficiente direcção de J. Gonçalves.

Tem obtido successo os acrobatas Ajoz e Jorge, La Cubanita, e Pimpine'la que fez ha dias a sua *rentrée*.

Casino

A bons espectaculos temos assistido neste *music-hall*.

Continuam a obter os applausos do publico, La Sevilhita e outros bons numeros.

J. FELIZARDO

Políticos, financeiros,
Literatos, sabichões,
Todos fumam nesta terra
Garibaldi e Castellões

Soldado que está na guerra
Tendo um minuto de folga
Em vez de comer o *lunch*
Fuma dez cigarros *Olga*

NO CLUB DE REGATAS «SÃO PAULO»



ASPECTO DAS EMBARCAÇÕES

© Pirralho... no Rio

Anno I

RIO DE JANEIRO, Sabbado 3 de Abril de 1915

Num. XI

O estado actual das letras no Rio de Janeiro

Em que se occupam os intellectuaes cariocas

"O Pirralho... no Rio" ouve os expoentes da nossa cultura litteraria

Responde Altamirando Requião

Recebendo as questões da *enquête* litteraria, organizada pelo *O Pirralho*, apresso-me em dar-lhes as respostas respectivas:

1.^o *Que diz do estado actual das letras no Rio?*

E' lastimavel. Já lá se vae a epoca longiqua, para nós, em que a febre de glorias fazia com que os nossos intellectuaes esquecessem, por um instante, as necessidades soezes da vida material, e se mergulhassem nas aspirações grandiosas que a satisfação d'alma impõe; sem os preconceitos estupidos das castas, em promiscuidade. Veio a lucta medonha, o momento difficil; cessou o sonho por uma vez. Hoje, fóra da roda do Garnier, quasi ninguem se lembra de letras. Somente ali, á rua do Ouvidor, ainda se vê, ainda se distingue traços de um passado melhor. E nada mais...

2.^o *Tem obra escripta ou a sahir?*

Sim. Escriptos e promptos para o prélo tenho um livro de contos, erneis porém reaes, intitulado *Esgares e Nevroses*, um livro de versos de todos os feitios, dito *Luz*, um outro de paginas

lyricas, infinitamente lyricas, denominado *Penumbra*, e uma novella de assumptos sobrenaturaes — *Treva*. A sahir conto um volume de critica e de historia,



em edição na *Livraria Catilina*, da Bahia, e um romance novo, essencialmente nacional, genuinamente bahiano, cujo titulo é *A Barricada*, na *Livraria Guimarães*.

3.^o *Pode dizer-nos alguma coisa sobre os seus novos livros e sobre seus projectos?*

E' facil. O *Esgares e Nevroses* é uma cousa inteiramente nova, toda pessoal. São treze contos extranhos, concepções tragicas de typos humanos, muito humanos, que passam despercebidos aos olhos da maioria. Para que se tenha uma ligeira ideia do que são semelhantes paginas, deixarei aqui os titulos de algumas dellas, como *Delirio forçado*, *Anathemu de sangue*, *Odyssea de um craneo*, *Espectros nocturnos*, *O phantasma das ruas*, *Sonho funesto*, *Titere macabro*, etc.

Luz — é uma obra symetrica, com uma introdução e mais sessenta fragmentos, dividida em duas partes — *Primeiros raios* e *Ultimos raios*.

Penumbra é a historia de uma individnalidade de artista, atravez de cem capitulos, que não podem ser explicados em duas palavras. Alegria, sonhos, dores, desillusões, risos e lagrimas, revoltas, desvairamentos e triumphos tudo alli está consignado, na vida atribulada do peregrino do ideal.

Treva é um cháos de extravagancias, lembrando Pöe, Chra-



misso, Hoffmann e Lisle Adam.

Critica e Historia compreende trinta capitulos, representados por escriptos antigos, de vida de imprensa, versando sobre diferentes assumptos. Destaca-se, porém, um estudo completo e minucioso da *Revolução Franceza e de seus principaes typos*, desde Mirabeau até Robespierre e Saint-Just.

A *Barriçada* — scenas do vandalismo revolucionario de 1910, na Bahia, por ocasião do bombardeamento da cidade...

E é só, a não ser um novo livro, que tenho em elaboração, sobre grandes individualidades literarias e philosophicas e que, começando em Spinoza, termina em Zola.

Rio - 2 - 3 - 1915.

Em nosso proximo numero publicaremos a resposta de Rocha Pombo, o illustre historiador a quem todo o Brazil intellectual conhece e admira.



As respostas á nossa *enquête* já estão sendo plagiadas?

O sr. Eloy Pontes e o sr. João do Rio

A' redacção de um vespertino carioca enviou o nosso collaborador sr. Eloy Pontes a seguinte carta, que transcrevemos sem commentarios, informando apenas os nossos leitores que o literato nella accusado de plagio é o sr. João do Rio.

«Meus caros amigos da «A Rua»

Acabo de encontrar com surpresa attribuidos a outrem e em termos estropiados, os seguintes trechos meus, na «A Rua»:

— A democracia, implantada com a Republica, rebaixou consideravelmente o nosso alto gráo de intellectualidade, que gosavamos

no antigo regimen. Hoje, é a fallencia do espirito que nos assoberba. E' o «crak» mental! O que nós temos de bom vem-nos do segundo reinado.

Ora, as observações espressas ali são minhas e muito minhas. Por diversas vezes as expendi na faina diaria do «Jornal do Commercio», vespertino, e ellas constituem a essencia do meu romance «Patria Virgem», a caminho do publico.

Não fôra esta circumstancia e eu deixaria de protestar contra o «avanço».

Para maior clareza do que allego aqui transcrevo os trechos claros de uma entrevista minha, publicada em S. Paulo, no *Pirralho* do dia 6 do corrente, griphando apenas as phrases escamoteadas.

E' esta a entrevista:

«QUE DIZ DO ESTADO ACTUAL DAS LETRAS NO RIO?»

— O estado actual das letras é, entre nós, o peor possível. Menos por culpa dos escriptores que os ha. Alliciada a attenção unanime pelas tricas politicas, nas presas das controversias subalternas, do «pico-será» nacional, todas as actividades, gastas as energias as ultimas! nesse simulacro de pugna, a estagnação prevaleceu. A atmosfera intellectual que a provincia imagina não existe aqui. As *farfalhas com que se enfeitam os fregolinis cariocas*, são ainda reminiscencias dos esforços inauditos do grupo que o Impero gerou e que reinu até á Republica.

Isso não quer dizer que, um ou outro obstinado, sob as suggestões irremissiveis do temperamento, deixe de comparecer, com livro impresso por conta propria, nos mostuários escassos das escassas livrarias.

Acontece, porém, que uma glacial indiferença acolhe sempre o esforço tenaz. O publico não lê. Os livreiros não editam. Sabido isto é bem facil imaginar o lago tranquillo, sem murmulhos, sem aspectos, sem encantos, que é a litteratura na Capital da Republica... Como explicar a anomalia? O phenomeno é complexo e se engasta na falta de senso esthetico que o regimen democratico, prematuro, estabeleceu e estimula.

A intelligencia collectiva, entre nos, embotton-se. Ha na ordem do nosso desenvolvimento duas faces: *phenomenos sociaes* e *factos politicos*. Aquelles seguem a sua marcha inflexivel á revelia destes. As escamoteações e magiganças da politica pedem retardar o desenlace que a cultura, o caldeamento de raças e as influencias inappellaveis preparam, mas não podem evital-o. Não obstante os combates simulados da politica despertam grande interesse nas turbas.

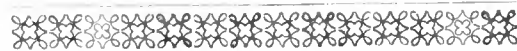
Ora, os artistas colhem, de preferencia e por motivos mesmo de atmospheria, os seus themas nos *phenomenos sociaes*. Dahi a absoluta indiferença publica pelas obras de arte e o largo consumo do jornal que discute o cutiliquê do campanario politicante.

Mesmo assim — sem editor, sem publico, sem estímulos — ha destemerosos trabalhadores das letras, na prosa e no verso. Ha até rebeldes que collaboram no patrimonio artistico *quand même*. Cremos que o ambiente republicano é pouco propicio ás letras, á vida artistica, a democracia estrangula a vida intellectual. Só uma suggestão superior corrigir a molestia. Esta, porém, quando virá?... Virá?

Idéas, meus cares confrades, não as tem quem quer. Idéas só as tem quem póde. Por isso apito. Podia transcever referencias analogas.

Bastam os termos claros do que fica lá em cima e o consolo de ter podido lavar o flagrante. Por tudo e pe'a publicação desta, meus excellentes amigos d' «A Rua» muito podem obrigar quem já é exorde confrade e admirader.

ELOY PONTES»



Drs.

Antonio Define

Raul Corrêa da Silva

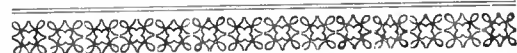
— e —

Dolor Brito Franco

ADVOGADOS

Rua 15 de Novembro, 50-B - (Sala 7)

ATTENDEM DAS 12 ÀS 15



Papelaria Define

DEFINE & COMP.

RUA FLORENCIO DE ABREU, 88

— Officinas e Deposito N. 70 —

Telefone, 642 —**— Caixa, 544

— S. PAULO —



QUEREM A FELICIDADE?

■ ■ ■ NADA MAIS FACIL!

E' em S. PAULO, á Rua S. Bento N. 28 — Caixa Postal, 1062

Agencias em todo o Brazil — Succursal no RIO á Rua Marechal Floriano, 15 — Caixa Postal, 697

ALCANÇA-SE ISTO INSGREVENDO-SE O MAIS BREVE POSSIVEL NA

“CAIXA DOTAL DE S. PAULO”

Approvada e autorisada pelo Decreto N. 10996, do Governo Federal

Esta caixa constitue dotes para Casamentos, Nascimentos e tem uma Secção de Seguros contra Fogo

A tabella para essas séries é:

CASAMENTOS	NASCIMENTO
Serie A — 2:000\$000 Joia . 20\$000 — Contribuição para cada casamento 1\$000 — Sello e diploma 4\$000.	Serie I — 2:000\$000 Joia . 20\$000 — Contribuição para cada nascimento 1\$000 — Sello e diploma 4\$100.
Serie B — 5:000\$000 Joia . 50\$000 — Contribuição para cada casamento 2\$500 — Sello e diploma 5\$200.	Serie II — 5:000\$000 Joia . 50\$000 — Contribuição para cada nascimento 2\$500 — Sello e diploma 5\$200.
Serie C — 10:000\$000 Joia . 100\$000 — Contribuição para cada casamento 5\$000 — Sello e diploma 6\$300.	Serie III — 10:000\$000 Joia . 100\$000 — Contribuição para cada nascimento 5\$000 — Sello e diploma 6\$300.
Serie D — 20:000\$000 Joia . 150\$000 — Contribuição para cada casamento 10\$000 — Sello e diploma 7\$400.	
Serie Especial — 50:000\$000 Joia . 500\$000 — Contribuição para cada casamento 30\$000 — Sello e diploma 15\$100.	

A pedido inviamos estatutos e prospectos = **Prodigios do Mutualismo!!**

Vermouth e Vinho Quinado

CINZANO

Francesco Cinzano & C.^{ia}

Unicos Representantes “TURIM”

FRUGOLI & C.^{ia} - Rua Florencio de Abreu, 26 (sobrado)

Companhia Cinematographica Brasileira

SOCIEDADE ANONYMA

Capital realiado Rs. 4.000:000\$000 — Fundo de reserva Rs. 1.080:000\$000

THEATROS

São Paulo { BIJOU THEATRE
BIJOU-SALON
IRIS-THEATRE
RADIUM-CINEMA
CHANTECLER-THEATRE
Rio de Janeiro { CINEMA-PATHE'
CINEMA-ODEON
CINEMA-AVENIDA
THEATRO SÃO PEDRO DE AL-
CANTARA
Em Niotheroy: EDEN-CINEMA — **Bello Horizonte:** CINEMA-COMMERCIO — **Juiz de Fóra:** POLYTHEAMA
Santos: COLYSEU SANTISTA — THEATRO GUARANY

THEATROS

POLYTHEAMA, S. Paulo — THEATRO S. JOSE', S. Paulo — PALACE THEATRE, Rio de Janeiro

Em combinação com diversos Theatros da America do Sul

Importação directa dos Films das mais importantes Fabricas

Nordisk, Ambrosio Itala, Pharos, Bioscop, Selig, Nester, Durks e todos os films de successo editados no mundo Cinematographico
Exclusivamente para todo o BRASIL os films das principaes fabricas do mundo!!! 36 marcas... 70 novidades por semana.

Stock de fitas, 6.000.000 de metros. Compras mensaes, 250.000 metros.

Unica depositaria dos celebres Apparelhos PATHÉ FRÈRES. Cinemas KOKS
proprios para Salões em casa de Familias.

Alugam-se e fazem-se contractos de fitas

Séde em S. PAULO - Rua Brigadeiro Tobias, 52 - Succursal no RIO: Rua S. José, 112
Agencias em todos os Estados do Brasil

A ECONOMISADORA PAULISTA

CAIXA INTERNACIONAL DE PENSÕES

Caixa A:

Paga-se 2\$500 por mez e tem-se direito a uma pensão mensal vitalicia em dinneiro, ao fim de 15 annos, de 150\$000 (maxima).

Caixa B:

5\$000 por mez durante 10 annos. Pensão em dinheiro de 100\$000 (maxima) ao fim de 10 annos.

É o melhor monte-pio!

DIRECTORIA

Dr. Guilherme Rubião, Gustavo Olyntho de Aquino, Antonio de Araujo, Novaes Junior, J. Herculano de Carvalho.

Conselheiros: — Luiz M. Pinto de Queiroz, Derval Junqueira de Aquino, dr. J. Ribeiro de Almeida, Francisco Malta, Benedicto Duarte Passos, Francisco Teixeira de Carvalho, dr. J. Soares Hungria, dr. E. Bacellar.

Acceitam-se Agentes — Peçam hoje prospectos á ECONOMISADORA Palacete da "Previdencia"
Rua 15 Novembro, entrada pelo Largo da Sé N. 3 — S. PAULO